

A EXPRESSÃO DE EMOÇÕES: PROPOSTAS TEÓRICAS E QUESTIONAMENTOS

EXPRESSING EMOTIONS: THEORETICAL PERSPECTIVES AND REASONINGS

Mario A. S. Fontes
PUCSP
fontes@pucsp.br

RESUMO

Neste artigo, discutimos perspectivas teóricas sobre as emoções, abrangendo a consideração dos pressupostos e conceitos apresentados pelas perspectivas darwiniana, jamesiana, cognitivista e construtivista e fisiológica. Consideramos, também, a potencialidade da integração dessas perspectivas a partir de um viés comunicativo que tem relevância para a investigação de como linguagem não verbal é utilizada para a expressão de emoções. Fatores biológicos, cognitivos e culturais comparecem fortemente implicados em uma rede de interações cuja implementação decorre do fato de que as emoções emergiram não somente como mecanismos de controle, mas, também, como modo de sobrevivência animal e que se perpetuaram na socialização mediando o impulso que emerge do organismo e a força dos fatores externos que influenciam a maneira como a expressão das emoções se realiza pela linguagem não verbal.

PALAVRAS-CHAVE: expressão de emoções; perspectiva cognitivista; perspectiva interacionista; perspectiva evolucionista; expressividade.

ABSTRACT

In this article, the darwinian, jamesian, cognitive, constructivist and physiological theoretical perspectives on emotions are considered. Furthermore, the possibility of integrating these perspectives from a communicative point of view is also discussed. This kind of discussion is relevant to investigating the way non verbal language is used for expressing emotions. Biological, cognitive and cultural factors are highly implicated in a network of interactions whose implementation derives from the fact that emotions have emerged not only as control mechanisms, but as a way of animal survival perpetuated through socialization and mediating the impulse which comes from the organism and the external factors which influences the way emotions are expressed in nonverbal language.

KEYWORDS: *emotion expression; cognitive perspective; interactionist perspective; evolutionary perspective; expressivity.*

0. Introdução

Neste artigo, discutimos perspectivas teóricas sobre as emoções, abrangendo a consideração dos pressupostos e conceitos apresentados pelas perspectivas darwiniana, jamesiana, cognitivista e construtivista e fisiológica.

As emoções podem ser definidas como respostas do organismo a eventos do ambiente, desencadeando padrões de ativação fisiológica específicos e envolvendo aspectos cognitivos, comportamentais e do sistema autonômico simpático e parassimpático que controlam ações do organismo. Elas também são partes integrais das interações com os outros e o meio (SACHARIN, SCHLEGEL e SCHERER, 2012) e como tal exercem um importante papel em termos comunicativos. Para BARRET (2017) as emoções são percepções que remetem aos que a percebem.

As emoções têm sido abordadas, principalmente, por teorias de natureza filosófica (a reflexão de SPINOZA (2009) sobre as afecções da alma, por exemplo) e psicológica (a reflexão de DARWIN (1872), por exemplo).

Tomando um caminho mais psicologizante, CORNELIUS (1996) destaca quatro perspectivas que ganharam destaque nos estudos sobre as emoções na fala: a perspectiva darwiniana, a jamesiana, a cognitivista e a socioconstrutivista. Cada uma delas tem seu próprio conjunto de fundamentos sobre a natureza da emoção, sobre como elaborar construtos e sobre como conduzir a investigação sobre a emoção. Cada uma das perspectivas tem suas próprias maneiras de abordar as emoções. Há, naturalmente, diversas áreas de sobreposição entre as quatro perspectivas, principalmente entre a jamesiana e a darwiniana.

Uma quinta perspectiva, aqui referida como de base fisiológica, surgiu no contexto da medicina e apoia-se em correlações entre substâncias orgânicas e emoções.

1. As perspectivas teóricas sobre a emoção

A conceituação da emoção como uma descarga psíquica de breve duração (SCHERER, 2005) e distinta de outros estados afetivos como o sentimento é bem aceita pelos teóricos que se dedicam ao estudo das emoções. Também a postulação de emoções básicas é comumente encontrada na literatura sobre emoções.

Emoções básicas, segundo ANDERSEN e GUERRERO (1998), são aquelas que têm maior probabilidade de serem expressas de maneira semelhante e de serem reconhecidas universalmente. O número e as

categorias de emoções básicas propostas na literatura sobre emoções apresenta considerável variação. PLUTCHIK (1994, 2003) relaciona oito emoções básicas; PARROTT (2001) e EKMAN, FRIESEN e ELLSWORTH (1982), seis; ROSEMAN'S (1984), quatorze; OATLEY e JOHNSON-LAIRD (1987), cinco; LAZARUS (1991), dez; Scherer (1994), sete; e JACK ET AL (2014) defende que, biologicamente, apenas quatro emoções básicas podem ser consideradas ao examinarem na expressão de emoções o compartilhamento dos músculos envolvidos. Ekman (1994), evoluindo em sua pesquisa sobre o entendimento da expressão das emoções, argumenta que todas as emoções podem ser consideradas básicas.

A expressão das emoções se dá pela linguagem verbal e não verbal. A linguagem não verbal compreende o gestual, seja ele vocal ou facial. Compreender a natureza das emoções e caracterizá-la é de interesse para a interpretação dos sentidos que envolvem a linguagem não verbal.

Consideraremos a seguir algumas perspectivas teóricas que têm emergido na literatura científica sobre emoções.

1.1 A perspectiva darwiniana

A ideia central na perspectiva darwiniana é a noção de que as emoções são fenômenos evolutivos relacionados a funções de sobrevivência das espécies. Como tal, é de se esperar similaridades entre os seres humanos (características universais) em relação a uma mesma emoção. Além disso, como os humanos compartilham um passado evolutivo comum com outros mamíferos, é também de se esperar que sejam encontradas semelhanças entre espécimes.

Darwin, em seu livro publicado em 1872 e intitulado *A expressão das emoções no homem e nos animais*, apresenta descrições detalhadas das expressões faciais e dos movimentos corporais que acompanham as várias emoções no homem e em outros animais e são interpretadas a partir da teoria da evolução.

Embora os estudos contemporâneos da emoção dentro da tradição darwiniana raramente mencionem as especificidades de sua teoria da evolução das expressões emocionais, as ideias de Darwin tiveram enorme influência. Seu legado para o estudo da emoção na psicologia e na biologia compreende o uso da teoria da evolução apoiada no conceito da seleção natural como um quadro de compreensão das expressões emocionais e, por extensão, das próprias emoções. Darwin ressalta que as expressões emocionais devem ser entendidas nas suas funções e, portanto, são destacadas pelo seu valor de sobrevivência.

Dentre as obras de adeptos da perspectiva darwiniana, destacamos TOMKINS (1979), EKMAN, (1992) IZARD (1994) e FRIDLUND (1994), cujos trabalhos de pesquisa proporcionaram muitas evidências a favor do inatismo e da universalidade de um conjunto de expressões faciais de emoções básicas (alegria, tristeza, medo, nojo, raiva e surpresa).

Essas emoções são consideradas básicas, porque representam padrões relacionados com respostas aos eventos de sobrevivência do mundo que foram selecionados ao longo da história evolutiva da humanidade. Às emoções básicas são correlacionadas expressões faciais específicas, também consideradas fundamentais, porque todas as outras emoções são pensadas para ser, de alguma forma, derivadas delas.

De acordo com a perspectiva darwiniana, esse conjunto de emoções corresponde a uma determinada evolução de padrão de resposta adaptativa e, conseqüentemente, podemos supor que essas emoções devem estar representadas em expressões faciais.

Para considerar esses padrões de resposta comportamentais, TOMKINS (1979) desenvolveu a teoria psicológica dos *scripts* que explica padrões de comportamento humano de maneira análoga ao de um *script* que fornece um programa para ação. A teoria dos *scripts* evoluiu da sua proposta da teoria dos afetos, a qual considera que os padrões de respostas comportamentais determinadas por reações do organismo ao experimentar certo afeto podem ser processadas cognitivamente e se traduzirem em ação sobre esse afeto.

FRIDLUND, EKMAN AND OSTER (1987) as expressões faciais como universais em forma e sentido. Posteriormente, FRIDLUND (1994) destaca o papel da interação social e considera serem os elementos externos mais influentes do que dos internos na determinação dessas expressões, enfatizando os aspectos comunicativos, ao passo que Ekman defende uma posição neo-darwiniana segundo a qual os movimentos faciais expressam emoções por razões adaptativas.

EKMAN (1992) defende o emprego do termo emoções básicas, pois esse termo configura um modo de diferenciar as emoções básicas de outros estados afetivos em uma perspectiva evolucionista. Defende que todas as emoções que compreendem um conjunto de 11 características são emoções básicas: universalidade; fisiologia distintiva; avaliação automática sintonizada com universais distintivos concernentes a acontecimentos antecedentes, emergência desenvolvimental distintiva, presença em outros primatas, início rápido, duração breve, ocorrência espontânea, juízo distintivo, imagens mnemônicas e experiência subjetiva distintiva. A partir dessa caracterização das emoções EKMAN (1994) passa, como mencionamos anteriormente neste artigo, a considerar todas as emoções como básicas.

IZZARD (1994) ao discutir o reconhecimento de emoções e as questões semânticas de nomeação das emoções ressalta que as emoções variam na dimensão de intensidade e que cada ponto nessa dimensão pode ter diferentes representações semânticas. Essa discussão reveste-se de importância para a análise da expressão de emoções por tratar da gradiente da manifestação das emoções e das implicações para a sua nomeação.

SHAVER, WU E SCHWARTZ (1992) pesquisaram a expressão de emoções em três culturas diferentes (italiana, chinesa e americana) com o intuito de classificar emoções com base em suas semelhanças. A análise hierárquica de *cluster*, técnica estatística de correlação que agrupa elementos semelhantes, indicou que seis emoções poderiam ser descritas como

“categorias de emoções de nível básico” com elevado grau de sobreposição entre as três culturas. As seis emoções são: amor, alegria, surpresa, raiva, tristeza e medo. Essa relação de seis emoções básicas é semelhante à proposta por EKMAN (1994), a qual, contudo, não inclui o amor entre as emoções básicas e ainda considera o nojo, o desprezo e a vergonha. SCHERER (2005) ao fazer a distinção entre emoção e sentimento também exclui o amor da relação de emoções, definindo-o como um sentimento e não uma emoção.

1.2 A perspectiva Jamesiana

Para JAMES (1884), a emoção deriva da percepção das mudanças que ocorrem no corpo diante de algum fato que afeta os sentidos. Nesse sentido, verifica-se a precedência das mudanças corporais sobre a expressão das emoções. Na teoria jamesiana, o corpo ocupa parte central, mas a questão de como as mudanças corporais surgem diante da percepção dos eventos ambientais não é explorada.

Um dos pontos fundamentais da perspectiva jamesiana é que cada emoção tem de ser acompanhada por um único padrão de resposta corporal. Tanto James como adeptos de sua perspectiva buscaram demonstrar essa proposição.

Segundo CORNELIUS (2000), as pesquisas realizadas para testar a proposição de James chegaram a três conclusões: a intensidade das emoções está, de certo modo, ligada à experiência do corpo, mas o “não ter corpo” não levaria – como James afirmou – à exclusão da experiência afetiva; as sensações corpóreas (frequência cardíaca, etc) são passíveis de variar conforme a emoção; e há evidência a favor de correspondência entre expressões faciais e posturas corporais e estados afetivos.

1.3 A perspectiva cognitivista

Mesmo sob a atual hegemonia da psicologia evolucionista, das quatro perspectivas teóricas sobre emoção a que domina na atualidade é a cognitivista. O pressuposto central da perspectiva cognitivista e sua tradição associada de pesquisa é que pensamento e emoção são inseparáveis.

A perspectiva cognitivista tem como ponto central o processo de avaliação positiva ou negativa, e defende que toda emoção está associada a um padrão específico de avaliação. Em consonância com essa perspectiva, SCHERER (2005) define emoção a partir de um modelo componencial, como um “episódio de mudanças inter-relacionadas e sincronizadas nos estados de todos os 5 subsistemas orgânicos em resposta à avaliação de eventos externos ou intrínsecos com relação a relevância orgânica que possam ter”.

Entre os muitos adeptos da teoria cognitivista, SCHERER (2003) avançou com a proposição do modelo *push/pull*. Para SCHERER (1987, 1998, 1999, 2003), a expressão de estados afetivos provém de duas fontes diversas: uma interna e fisiológica (o efeito *push* – de dentro para fora) e outra externa a social (o efeito *pull* – de fora para dentro). O efeito *push* refere-se diretamente aos efeitos de processos fisiológicos e produz mudanças nos estados do subsistema do organismo, afetando os parâmetros da vocalização.

Tanto os efeitos nos órgãos vocais como os parâmetros acústicos resultantes são quase que exclusivamente determinados pela natureza e força do mecanismo fisiológico. Como exemplo, podemos considerar o efeito da tensão muscular que força as vocalizações para uma direção específica e elas variam de acordo com uma excitação simpática, que também causa o aumento da frequência fundamental.

O efeito *pull* explica por que as vocalizações, mesmo sendo mediadas por fatores internos, frequentemente são monitoradas e reguladas por reações ao ouvinte, os fatores externos.

Os fatores externos direcionam as vocalizações afetivas a certos padrões acústicos específicos e são, em geral, regidas por convenções sociais que influenciam a produção de signos, uma vez que muitas situações sociais representam o uso de padrões acústicos específicos.

A noção de avaliação aproxima-se da noção de “tendência de ação”, expressão usada por FRIJDA (1986) para designar o papel das emoções na preparação do corpo para a tomada de ação. O processo de avaliação segundo ARNOLD (1960) baseia-se em “julgamento dos sentidos”, os quais são diretos, imediatos, automáticos e não implicam em pensamento reflexivo.

Segundo o modelo teórico da avaliação (*Appraisal Theory*) a avaliação consiste na extração de informações dos eventos que provocam as emoções. As reações emotivas são causadas pelas interpretações que fazemos sobre os eventos que vivenciamos.

As teorias de avaliação não somente descrevem as emoções bem como as explicam (ELLSWORTH e SCHERER, 2003). A experiência emotiva é vista como um processo que muda no decorrer de um evento, rapidamente ou de maneira gradual e que admite revisões e acréscimos.

As emoções não são definidas como categorias fechadas e as reações aos acontecimentos podem desencadear respostas diferenciadas. Assim em relação a algo negativo, posso sentir tristeza, irritação ou raiva, dependentemente da avaliação que for feita do evento em questão.

1.4. A perspectiva socioconstrutivista

A perspectiva socioconstrutivista é considerada a mais controversa dentre as quatro perspectivas teóricas. Embora o construtivismo social venha sendo abordado há algum tempo na antropologia e na sociologia, apenas na década de 1980 foi utilizado na psicologia para o estudo das emoções em

pesquisas desenvolvidas por AVERILL (1980) e HARRÉ (1986). Contribuições importantes para as ideias sobre a construção social das emoções também foram feitas na antropologia por LUTZ (1988) e na filosofia por ARMON-JONES (1986).

Os socioconstrutivistas enfocam as emoções como produtos culturais que derivam das regras sociais aprendidas. De acordo com AVERILL (1980:309), "as emoções não são reminiscências de nosso passado filogenético, nem podem ser explicadas em termos estritamente fisiológicos". Pelo contrário, são construções sociais, e podem ser *plenamente* compreendidas em um nível social de análise.

As diferenças encontradas na expressão de emoções podem ser explicadas por diferenças de fatores sociais, pela maneira particular como as emoções são construídas dentro de uma cultura.

Segundo CORNELIUS (2000), a cultura, para os construtivistas sociais, desempenha papel central na organização das emoções em uma variedade de níveis. A cultura fornece o conteúdo das avaliações que geram emoções. Embora o processo de avaliação possa ser uma adaptação biológica, o conteúdo de nossas avaliações é cultural.

1.5. A perspectiva fisiológica

LÖVHEIM (2012) postula que as substâncias bioquímicas referidas como monoaminas (dopamina, serotonina e noradrenalina) têm grande impacto na emoção, no humor e no comportamento. Na referida obra, é apresentado um modelo tridimensional, contemplando as correlações entre as substâncias bioquímicas e as emoções.

No modelo, as substâncias bioquímicas são representadas como eixos ortogonais e as emoções básicas são colocadas em cada um dos oito possíveis valores extremos, representados como arestas de um cubo, como podemos observar no Figura 1. A serotonina é representada no eixo x, a noradrenalina no eixo y e a dopamina o eixo z em um sistema ortogonal coordenado. Os extremos do cubo representam os valores extremos (do mínimo ao máximo) e um número infinito de combinações são possíveis dentro do espaço representado pelo cubo.

Esses posicionamentos nas arestas do cubo foram feitos com base na literatura sobre as emoções básicas, nas características das monoaminas e sua relação com o comportamento de homens e outros animais, bem como nas reações e efeitos colaterais provocados por drogas psicotrópicas.

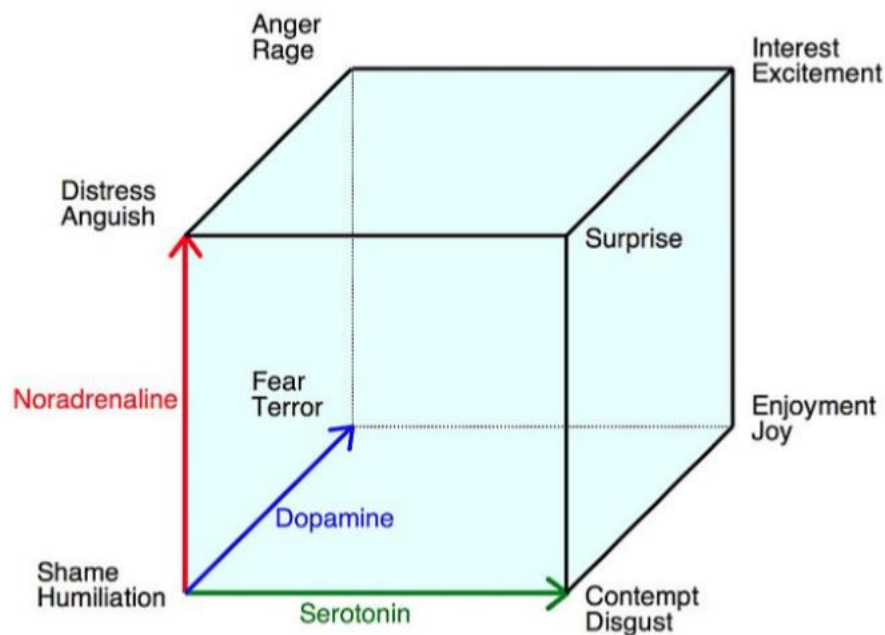


Figura 1 – Cubo das emoções, imagem extraída de Lövheim (2012)

O modelo tem potencial para ajudar a compreender as emoções humanas, as doenças psiquiátricas e os efeitos das drogas psicotrópicas, mas Lövheim aponta que mais estudos empíricos são necessários para estabelecer a validade de sua aplicação.

Os neurotransmissores serotonina, noradrenalina e dopamina são sistemas reguladores derivados de um aminoácido e constituem um complexo sistema de controle de *feedback* e interdependência e são produzidos por alguns neurônios em áreas reduzidas da parte superior do tronco encefálico. Esses sistemas liberam suas substâncias pelo córtex cerebral e interferem no comportamento humano, mas segundo LÖVHEIM (2012), há amplas evidências na literatura da área de que a amígdala e outras estruturas límbicas exercem controle sobre as emoções.

Baixos níveis de serotonina, que é derivada do triptofano e produzida no *raphe nuclei* do córtex cerebral, são encontrados, por exemplo, em pessoas depressivas ou agressivas, e Lövheim considera que ela representa aspectos relacionados à auto-estima, força interior e satisfação.

dopamina, que é derivada da tirosina e produzida na área ventral tegmental (ATV), está relacionada à recompensa, motivação e reforço e a noradrenalina, que também é derivada da tirosina, mas produzida no *locus cerulis* está relacionada à ação e ao combate à ansiedade e *stress* e representa um eixo de ativação, vigilância e atenção.

O modelo de Lövheim (2012) propõe relação direta entre os níveis das substâncias de sinal e certas emoções básicas, conforme explicitado no Quadro 1.

Emoção básica	Nível de Serotonina	Nível de Dopamina	Nível de noradrenalina
vergonha / humilhação	baixo	baixo	baixo
angústia / tristeza	baixo	baixo	alto
medo / terror	baixo	alto	baixo
raiva / fúria	baixo	alto	alto
desprezo / nojo	alto	baixo	baixo
surpresa	alto	baixo	alto
prazer / alegria	alto	alto	baixo
interesse / emoção	alto	alto	alto

Quadro1 – Correspondências entre emoções e substâncias bioquímicas, quadro traduzido e adaptado de Lövheim (2012)

Como podemos depreender do Quadro 1, a raiva é, por exemplo, resultado da combinação de baixos níveis de serotonina e altos níveis de dopamina e noradrenalina.

Devido à possibilidade de correlação direta com os neurotransmissores da monoamina, a proposta de conceituação das emoções básicas difere de outras, como, por exemplo, o Cone das Emoções proposto por PLUTCHIK (2003) e o Círculo das Emoções GEW (Geneva Emotion Wheel), proposto por SCHERER (2005).

O Cone de Plutchik engloba 8 categorias de emoções e as coloca em 3 dimensões (polaridade, similaridade e intensidade). A base do cone representa a dimensão da similaridade entre as emoções que se diferenciam na polarização das cores e a dimensão vertical representa a intensidade dessas emoções em tonalidades mais escuras ou mais claras. Modelos categóricos simples e/ou dimensionais como o de Plutchik são mais adequados para processos automáticos de detecção (MARTINS, 2011).

O GEW apresenta categorias de emoção dispostas de forma a constituir um círculo. A disposição dos termos relativos às categorias de emoções se dá em duas dimensões, uma relacionada à valência (negativa e positiva) e outra ao controle (baixo e alto). Essa disposição gera quatro quadrantes: controle negativo/baixo, controle negativo/alto; controle positivo/baixo e controle positivo/alto. A intensidade cresce em direção à circunferência do círculo e decresce em direção ao centro do círculo, onde são encontradas duas outras opções (Outra Emoção/ Nenhuma Emoção), descrevendo portanto, uma direção oposta à encontrada no cone de PLUTCHIK (2003) na o qual a intensidade maior está no centro e a menor na circunferência. A classificação das emoções segue a Teoria da Avaliação (*Appraisal Theory*) como explanada por SCHERER, SCHORR E JOHNSTONE (2001).

2. A integração das perspectivas

Segundo CORNELIUS (1996), embora as quatro perspectivas tenham origens diversas, há evidências de que elas começaram e continuarão a convergir .

As tradições darwinianas e jamesianas têm em comum a defesa de que as expressões faciais estão associadas a emoções ditas básicas. A obra de Ekman, por exemplo, apresenta características dessas duas tradições, mas também compartilha com a perspectiva cognitivista a crença na universalidade das expressões emocionais e na especificidade autonômica (EKMAN, 1999), ou seja, na existência de padrões de ativação fisiológica específicos que preparam o corpo para os comportamentos adaptados à emoção desencadeada. Analogamente, na perspectiva de LÖVHEIM (2012) os processos cognitivos , embora não integrem o modelo, são considerados exercer um papel na expressão de emoções.

No modelo proposto por LÖVHEIM (2012) as partes do sistema nervoso simpático e parassimpático que integram o sistema nervoso autonômico apresentam-se em eixos ortogonais e não antagônicos. Nesse sentido, os modelos que apostam na ativação fisiológica específica para cada emoção opõem-se, segundo PEREIRA (2012), a modelos que postulam uma ativação indiferenciada como o modelo proposto por CANNON (1927).

As perspectivas darwiniana, jamesiana e cognitivista, entretanto, diferem da socioconstrutivista, pois esta última confere aos níveis interpessoal, social e cultural um papel predominante. As emoções seriam definidas a partir desses níveis. Apesar dessa divergência, a influência do fator social na avaliação tem sido considerada em alguns trabalhos que seguem a perspectiva cognitivista. O próprio Ekman reconhece a relevância do fator social ao propor as *display rules*, regras de alteração da expressão emocional guiadas por aspectos socioculturais (EKMAN e FRIESEN, 1978).

A perspectiva fisiológica difere das demais pelo reducionismo ao fisiológico, mas pode ajudar a entender porque a expressão na fala de emoções antagônicas, como a alegria e raiva, que compreendem estados emotivos caracterizados pela presença de dois ou três componentes bioquímicos (noradrenalina, dopamina e serotonina) em níveis máximos apresentam características acústicas semelhantes em termos de frequência fundamental elevada, enquanto a tristeza e o desgosto, estados em que apenas um desses componentes (noradrenalina) está no valor máximo, são reportados com frequência fundamental abaixada.

Se pensarmos na expressão de emoções na fala a partir de um contexto comunicativo, fatores biológicos, cognitivos e culturais comparecem fortemente implicados em uma rede de interações cuja implementação decorre do fato de que as emoções emergiram não somente como mecanismos de controle, mas, também, como sistemas que possibilitaram a sobrevivência humana e que se perpetuaram na socialização (ANDERSEN e GUERRERO, 1998), mediando o impulso que emerge do organismo e a força dos fatores externos como propõe a teoria do *push* e do *pull* (SCHERER, 2003).

3. Conclusão

O entendimento de que a emoção envolve os planos cognitivo e fisiológico e que componentes ligados à evolução das espécies e à socialização das espécies têm um papel a exercer na sua determinação contribui para a interpretação de como as gestualidades facial e vocal são utilizadas para exprimir sentidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSEN, P. A. & GUERRERO, L. K. (eds.) (1998). *Handbook of Communication and Emotion: Research, Theory, Applications, and Contexts*. San Diego: Academic Press.
- ARMON-JONES, C. (1986). The social functions of emotion. In: HARRÉ, R. (ed.) *The social is construction of emotions*. Oxford, Basil Blackwell. p. 57-82.
- ARNOLD, M. B. (1960). *Emotion and personality*. New York, Columbia University Press.
- AVERILL, J. R. (1980). A constructivist view of emotion. In: PLUTCHIK, R. & KELLERMAN, H. (eds.) *Emotion: theory, research and experience*. New York: Academic Press, 1:305-339.
- BARRET, L. F. *How Emotions Are Made: The Secret Life of the Brain*. Houghton Mifflin Harcourt, 2017.
- CANNON, W. B. (1927). The James-Lange theory of emotion: A critical examination and an alternative theory. *American Journal of Psychology*, 39:10-124.
- CORNELIUS, R. R. (1996). *The science of emotion*. Research and tradition in the psychology of emotion. Upper Saddle River, NJ: Prentice-Hall.
- _____. (2000). Theoretical Approaches to Emotion. ITRW on Speech and Emotion. ISCA. Disponível em: <http://www.isca-speech.org/archive>. Newcastle, UK. Acessado em: 08 marc. 2014.
- DARWIN, C. (1872/1965). *The expression of the emotions in man and animals*. Chicago University of Chicago Press.
- EKMAN, P. (1992). An argument for basic emotion. *Cognition and Emotion*. 6:169-200.
- _____. (1992). Facial expressions of emotion: new findings, new questions. *Psychological Science*. 3:34-38.
- _____. (1994). All Emotions are basic. In: EKMAN, P & DAVIDSON, R. (ed.) *The nature of emotion: fundamental questions*. New York: Oxford University.
- _____. (1999a). Basic emotions. In: DALGLEISH, T. & POWER, T. (eds.) *The Handbook of Cognition and Emotion*. Sussex, UK: John Wiley & Sons. p. 45-60.
- EKMAN, P. & FRIESEN, W. V. (1978). *Facial Action Coding System: A Technique for the Measurement of Facial Movement*. Consulting Psychologists Press: Palo Alto.
- EKMAN, P.; FRIESEN, W. V. & ELLSWORTH, P. (1982). *Emotion in the human face*. 2. ed. New York: Cambridge University Press.
- ELLSWORTH, P. C. & SCHERER, K. R. (2003). Appraisal processes in emotion. In: DAVIDSON, R. J.; GOLDSMITH, H. & SCHERER, K. R. (eds.) *Handbook of Affective Sciences*. New York and Oxford: Oxford University Press, 572-595.
- FRIDLUND, A. J. (1994). *Human facial expression: An evolutionary view*. San Diego, CA: Academic Press.

- FRIDLUND, A. J.; EKMAN, P. & OSTER, H. (1987). Facial Expressions of emotion. In: SIEGMAN, A. & FELDSTEIN, S. (eds.) *Nonverbal Behavior and communication*. Hillsdale, New Jersey: Erlbaum. p. 143-224.
- FRIJDA, N. H. (1986). *The emotions*. Cambridge: Cambridge University Press.
- HARRÉ, R. (ed.) (1986). *The social construction of emotions*. Oxford: Basil Blackwell.
- IZARD, C. (1994). Innate and Universal Facial Expressions: Evidence from Developmental and Cross Cultural Research. *Psychological Bulletin*. 115(2):288-299.
- JACK, R. E.; GARROD, O. G. B. & SCHYNS, P.G. (2014). Dynamic facial expressions of emotion transmit an evolving hierarchy of signals over time. *Current Biology*. 24(2):187-192.
- JAMES, W. (1889). What is an emotion? *Mind*. 19:188-205.
- LAZARUS, R. S. (1991). *Emotion and adaptation*. Oxford, UK: Oxford University Press.
- LÖVHEIM, H. (2012). A new three-dimensional model for emotions and monoamine neurotransmitters. *Medical Hypotheses*. 78(2):341-8.
- LUTZ, C. A. (1988). *Unnatural emotions: Everyday sentiments on a Micronesian atoll and their challenge to western theory*. Chicago: University of Chicago Press.
- MARTINS, P. F. J. F. (2011). *Acesso a filmes com base em emoções*. Dissertação de Mestrado. Lisboa, Universidade de Lisboa.
- OATLEY, K. & JOHNSON-LAIRD, P. N. (1987). Towards a cognitive theory of emotions. *Cognition & Emotion*. 1:29-50.
- PARROTT, W. (2001). *Emotions in social psychology*. Psychology Press: Philadelphia.
- PEREIRA, T. A. S. (2012). *Integração Hemisférica e Organização Cerebral no Processamento de Expressões Faciais de Emoção*. Tese de Doutorado. Universidade de Coimbra.
- PLUTCHIK, R. (1994). *The Psychology and Biology of Emotion*. New York: Harper Collins College.
- _____. (2003). *Emotions and Life: Perspective from Psychology, Biology and Evolution*. Washington, DC: American Psychological Association.
- ROSEMAN, S. (1984). Cognitive determinants of emotions: a structural theory. In: SHAVER, P. (ed.) *Review of Personality and Social Psychology*. v. 5: Emotions, relationships, and health. Beverly Hills, CA: Sage. p. 11-36.
- SACHARIN, V.; SCHLEGEL, K. & SCHERER, K. R. (2012). *Geneva Emotion Wheel rating study (Report)*. Geneva, Switzerland: University of Geneva, Swiss Center for Affective Sciences.
- SCHERER, K. R. (1987). Toward a dynamic theory of emotion: the component process model of affective states. *Geneva Studies. Emotion and Communication*. 1:1-98.
- _____. (1994). Emotion serves to decouple stimulus and response. In: EKMAN, P. & DAVIDSON, R. J. (eds.) *The nature of emotion: Fundamental questions*. New York, Oxford University Press. p. 127-130.
- _____. (1998). Appraisal theories. In: DALGLEISH, T. & POWER, M. (eds.) *Handbook of cognition and emotion*. Chichester, UK: Wiley. p. 637-663.
- _____. (1999). On the sequential nature of appraisal processes: indirect evidence from a recognition task. *Cognition and Emotion*. 13:763-793.
- _____. (2003). Vocal communication of emotion: a review of research paradigms. *Speech Communications*. 40:227-256.
- _____. (2005). What are emotions? And how can they be measured?. *Social Science Information*. 44(4):693-727.
- SCHERER, K. R.; SHORR, A. & JOHNSTONE, T. (ed.) (2001). *Appraisal processes in emotion: theory, methods, research*. Canary, NC: Oxford University Press.

SHAYER, P. R.; WU, S. & SCHWARTZ, J. C. (1992). Cross-cultural similarities and differences in emotion and its representation: a prototype approach. In: CLARK, M. S. (ed.) *Emotion*. Newbury Park: Sage. p. 175-212.

SPINOZA, B. (2009). *Ética demonstrada Segundo a ética geométrica*. Tradução do Latim: Tomas Tadeu. Belo Horizonte. Editora Autêntica.

TOMKINS, S. (1979). *Script Theory: Differential Magnification of Affects*. Nebraska Symposium On Motivation. Lincoln, NE: University of Nebraska/ Ed. Richard Deinstbier. p. 201-236.